

Sobre “Três anos difíceis”

ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO*

O título *Três anos difíceis*, a depender de onde, como e quando se lê, pode nos levar a pensar naquilo que estamos experimentando no Brasil, nos últimos três anos, e que tem provocado mudanças catastróficas na vida pública e cotidiana da sociedade brasileira desde 2018. Mas, na verdade, “Três anos...” não faz referência à nossa sociedade em crise, mas compõe a primeira parte do título de um texto datilografado de Raymond Williams, intitulado *Três anos difíceis: um comentário sobre as aulas tutoriais* – um texto, devo antecipar, que se refere, ao menos inicialmente, a uma crise pessoal de seu autor. Apresentado em quatro longos parágrafos, seu conteúdo nada revela sobre o local ou a data de sua redação, mas pelo título somos informados que adentraremos ao universo das aulas tutoriais de Williams, no contexto britânico da educação de adultos. Após ter sobrevivido ao colapso da guerra e à frustração com a revolução socialista (Williams, 2013 [1979], p.27), as expectativas mais vivas de Williams com um programa político de libertação pelo socialismo vão se enfraquecendo, ao mesmo tempo que um projeto de expansão da democracia por meio da educação de trabalhadores vai sendo desenhado em sua vida íntima. Assim, a atitude política permanece, embora o movimento agora seja pautado pela ação individual orientada para fins profissionais e não mais pela vida partidária. De combatente, Williams se converte em sobrevivente. Apresentar esses novos rumos do autor é o que me interessa aqui.

* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: ahpaixao@unicamp.br

Para isso, selecionei como “ponto de partida” um fragmento do artigo mencionado, que contribuirá não somente para o título deste trabalho, mas também para alavancar a discussão sobre as aulas tutoriais e o que decorre disso, a saber: o problema da guerra, os dilemas políticos, as crises pessoais, o exílio e a perspectiva da sobrevivência. Para o enquadramento desses assuntos, além da própria obra de Williams e trechos da entrevista que o autor concedeu à *New Left Review*, mobilizarei aspectos do romance *1984*, de George Orwell, para pensar a condição do exilado, além de outras referências para rever e debater Williams, socialismo, guerra, exílio e sobrevivência, como palavras-chave utilizadas pelo autor e que carecem de reflexão.

Quanto ao método a ser empregado durante a exposição, escolhi partir da explicação de texto,¹ inspirado no próprio Williams em *Reading and Criticism* (1950), quando defende a leitura crítica da poesia e da prosa por meio de suas unidades literárias. Como o que vamos ler não é um texto literário, mas um artigo, vou abdicar de apresentá-lo em toda a sua unidade e selecionar apenas um excerto, algo que considero significativo para o que vamos debater. Feito isso, o que segue é uma revisão dos próprios escritos de educação de Williams e alguns comentários finais. O esforço, portanto, é, ao mesmo tempo, analítico e descritivo.

Três anos difíceis não é uma sentença, mas sim um comentário. Primeiramente, um comentário, em um tipo de Novilíngua, sobre as dificuldades de persuadir homens e mulheres a se inscreverem, por três anos, como alunos de uma aula tutorial. Um comentário, também, sobre a natureza das regulamentações que regem tais aulas, e sobre a forma como essas regulamentações se confundem, frequentemente, com critérios educacionais. Eu não entendo tanto desta problemática quanto deveria; e sou suficientemente um eremita do mundo político para saber que, certamente, tudo o que eu tenho a dizer será pessoal e limitado. A condição de eremita, apesar disso, tem sua própria função; e uma dessas, que pode ter valor social, é que a eles é permitido ocasionalmente emergir e cometer indiscrições. E este comentário aspira unicamente ao status de uma indiscrição calculada. (Williams, 2019 [s/d], p.25-26)

Lendo o excerto, que é o primeiro parágrafo do artigo, reconhecemos que o objeto geral de discussão são os formatos das aulas tutoriais na educação de adultos, que repetiam o formato das aulas universitárias de três anos. Estas seguiam os critérios e regulamentações educacionais ainda vigentes quando Williams praticou o ofício de tutor na educação de adultos britânica, no interior do projeto educacional entre o Departamento Extramuros da Universidade de Oxford e a *Workers' Educational Association*, entre os anos de 1946 e 1961. Disso vai se desdobrar o que aparece nos parágrafos subsequentes – os quais não serão analisados aqui –

1 Acerca da explicação de texto, Williams (1950) é minha referência, mas recomendo também a leitura de Auerbach (2001) e Candido (1993).

que se referem à crítica do autor galês à extensão universitária. Dediquei-me a esse tema em outro momento (Paixão; Trevisan, 2020), de modo que aqui vou me limitar a discutir, para começar, duas palavras-chave expostas no excerto: “Novilíngua” e “eremita”.

Palavras-chave representam vocabulários de uma época (Williams, 1976) e são recursos epistemológicos capazes de nos ajudar a localizar e caracterizar as experiências temporais e espaciais de determinados indivíduos e de suas respectivas sociedades: “o nosso vocabulário, a linguagem que empregamos para investigar o sentido e negociar as nossas ações, não é um fator secundário, mas um elemento prático e essencial da situação” (Williams, 1969 [1958], p.336). No nosso caso, ausente a marcação do local e da data do texto supracitado, o recurso à palavra-chave apresenta-se como um instrumento precioso para inserirmos esse escrito num espaço e tempo específicos: Grã-Bretanha, 1946-1961. Contexto em que Williams trabalhou como tutor de adultos em território britânico, praticando em suas aulas uma espécie de novo vocabulário atrelado ao ensino de literatura e à crítica sociológica, ele mesmo baseado num método que denominou de “discussão”. Aqui está o “elemento prático e essencial da situação”.

Tendo já me ocupado da questão das aulas e do método em outro artigo (Paixão, 2018, p.1013-1014), indico aqui apenas esse ponto do novo vocabulário para as aulas de adultos para evocar essa temática que agora se repete, bem engenhosamente, com a referência à palavra-chave “Novilíngua”.

Novilíngua ou Novafala é a língua oficial da sociedade oceânica e do Partido representado pelo Grande Irmão (o *Big Brother*) no romance *1984*, de George Orwell, publicado na Inglaterra em 1949. No *Apêndice* do romance, intitulado “Os princípios da Novafala” (Orwell, 2020 [1949], p.373-387), constatamos que o vernáculo criado por Orwell herdou as características sintáticas e morfológicas do idioma inglês, tendo sido concebido para atender às necessidades ideológicas do “*Socing*”, que provinha do movimento socialista (Orwell, 2020, p.270). Dali extraía-se toda a sua fraseologia, embora destituída de conteúdo, e com o objetivo de construir uma nova atitude mental conciliadora de contradições (“duplipensamento”) por meio da educação rigorosa, da castidade, da ortodoxia e da devoção ao Partido e ao Grande Irmão. Algo bastante conhecido, diga-se de passagem, pois se trata de um romance popular. Não obstante, a novidade fica por conta do uso do idioma de Orwell por Williams, que diz pretender repetir em seu texto sobre as aulas tutoriais um comentário em Novilíngua, isto é, na forma de um duplipensamento. Isso implica dizer que Williams estaria “reconciliando contradições” na abertura de seu texto. As quais se relacionam tanto à necessidade de expor o problema do formato e duração das aulas tutoriais, conforme previam as políticas educacionais do momento, quanto ao cometimento de alguma indiscrição com outros tutores ou com defensores dessas mesmas regulamentações universitárias voltadas para um tipo de educação não universitária, a chamada educação de adultos. Fato é que o projeto das aulas tutoriais era um programa para

a classe trabalhadora que, apesar de contar com as ações da WEA, era, no final das contas, um projeto de extensão universitária, financiado e academicamente controlado pela Universidade de Oxford, que não educava trabalhadores dentro dos seus muros. Eis o paradoxo da educação de trabalhadores traduzido de forma irônica e crítica por Williams.

Nesses termos e pensando menos na ironia de Williams e mais no espírito paradoxal de seu raciocínio, algo até esperado porque estamos tratando de Novilíngua, vou escolher combinar, por uma questão de ênfase, esse ponto de vista do paradoxo com outra palavra-chave utilizada no excerto, a saber, “eremita”. Nessa combinação de vocábulos, teremos um novo termo: o paradoxo do eremita. Na verdade, apresento o termo e já antecipo que existe um equivalente para ele denominado “paradoxo do exilado”.

Este último termo foi cunhado pelo próprio Williams para qualificar o caráter paradoxal de Orwell presente, sobretudo, em seu romance *1984*. A referência é bastante oportuna e não deixa de ser um convite para revisitarmos esquematicamente o último capítulo de *Cultura e sociedade*, em que Williams discute Orwell e o paradoxo do exilado.

A partir de sua leitura de Orwell, pode-se compreender o exilado como um observador da sociedade, bem à maneira de um repórter, sendo capaz de exercitar seu comentário sobre os fatos e as coisas, tentando persuadir a todos, mas sem participar inteiramente daquilo que é comentado. A síntese acerca do tipo exilado é a seguinte: “uma parte permanece alheia, outra compromete-se” (Williams, 1969 [1958], p.301). Williams escreveu isso pensando na atitude literária de Orwell diante de um sistema capitalista opressor e carente de princípios mais democráticos. Era um escritor bastante comprometido politicamente em suas obras, mas alguém que precisava se refugiar quando era cobrado para converter a atitude política no texto em contexto, que implicava uma atuação mais concreta e uma associação com parte da esquerda de sua época, pautada pelo programa da Terceira Internacional, sob o regime stalinista.

Recorro ao próprio Williams para matizar o ponto:

O exilado, dada sua própria posição pessoal, não pode, ao fim, acreditar em qualquer garantia de caráter social: para ele, em virtude do padrão de sua própria vida, quase toda forma de associação é suspeita. Teme-a porque não quer ver-se comprometido [e] não pode divisar meio de ver confirmada, socialmente, sua própria individualidade; esta é, afinal de contas, a condição psicológica do autoexilado voluntário. (Williams, 1969, p.300)

Esse caráter social do exílio e essa caracterização psicológica do autoexílio presente em *Cultura e sociedade* não são somente uma chave de leitura de *1984*, são a exposição de uma “estrutura de sentimento” que o próprio Williams experimentou em sua vida e obra. Fosse quando recriou essa atmosfera no excerto

que estamos discutindo ou ao enfatizar Orwell em seu livro capital *Cultura e sociedade*, fosse em *The Long Revolution* (1961), em que encontramos definida essa estrutura de sentimento do tipo autoexilado:

Nós temos pensado nos exilados como homens expulsos de sua sociedade, mas uma figura moderna igualmente característica é o autoexilado... Este tipo de autoexilado vive e se move na sociedade na qual nasceu, mas rejeita seus objetivos e deprecia seus valores, em razão de princípios alternativos com os quais está comprometida toda sua realidade pessoal... o estímulo de sua atividade é preservar essa diferença e manter sua individualidade, que é o termo que usa para designar sua separação [O] autoexilado quer que a sociedade mude para poder pertencer a ela, e isto implica, pelo menos do ponto de vista conceitual, em associar-se. Mas como sua dissidência pessoal... ficou fixada numa fase individual, fica difícil estabelecer relações adequadas, mesmo com outros dissidentes... Deve defender principalmente seu modelo de vida, sua mente, e quase todas as relações são uma ameaça potencial a isso. Conserva o já conquistado “autêntico eu”, mas não pode compartilhar essa autenticidade com outros nem transmiti-la; caso assuma o compromisso de comunicar isso, o fará, de maneira característica, mas com um comprometimento mínimo. Seja o que for, em essência segue caminhando só em sua sociedade, defendendo o princípio de si mesmo. (Williams, 2011a [1961], p.114-115 – tradução livre minha)

Caracterizado o tipo autoexilado como uma figura moderna, dissidente e resignada, a visada de Williams é tanto sociológica quanto psicológica, na medida em que enfatiza as defesas mentais de um indivíduo que se desilude de maneira aguda com sua sociedade e depois se refugia em si mesmo para tentar sobreviver até que o mundo do lado fora se modifique e seja possível retornar a ele. Desilusão, melancolia e crítica social marcam essa passagem que é plena de ambivalências, que combinadas definem um sentimento e seu vórtice: é preciso tanto aceitar o paradoxo do autoexilado, quanto ansiar em resolvê-lo, pois o que importa é vencer esse dilema e participar o mínimo possível das coisas por meio do comentário engajado, embora indiscreto, porque é atrevido ou entusiasmado com a causa da tutoria de caráter não universitário.

Dentro da experiência pessoal de Williams aceitar a educação de adultos significava sair da condição de um combatente de guerra para um sobrevivente de guerra, pois era necessário sobreviver em várias frentes: a primeira delas, financeiramente, através do emprego como tutor de adultos, uma vez que Williams estava casado com Joy e tinha crianças pequenas para criar; além disso, era preciso sobreviver pessoalmente, por meio do autoexílio em relação ao mundo político da esquerda britânica; por fim, Williams tinha que sobreviver politicamente, convertendo o ofício de tutor num recurso epistemológico para pensar criticamente educação e sociedade através de inúmeros trabalhos sobre métodos de ensino de literatura para adultos e análise sociológica da educação britânica.

Na verdade, tais formas de sobrevivência apresentavam-se como “recursos de esperança”² depositados em um mundo em construção após o colapso da guerra. Um lugar que causava desilusão em Williams, embora ele não tivesse desistido de lutar, mas escolhido o caminho não mais da Terceira Internacional, e sim da expansão democrática.

Um jovem socialista

Uma bolsa de estudos garantiria o ingresso de Williams na Universidade de Cambridge em 1939, para cursar a graduação em Literatura Inglesa. Ao iniciar seus estudos, passou a militar no Clube Socialista que era dirigido pelo Partido Comunista (PC),³ praticando uma agenda política relacionada a educação, arte e propaganda:

O nosso grupo era chamado de Grupo de Escritores, por estarmos na Faculdade de Inglês. Com essa competência, éramos frequentemente requisitados para trabalhos urgentes de propaganda [como] o panfleto sobre a Guerra Russo-Finlandesa... (Williams, 2013 [1979], p.27)

Williams entendia que a filiação ao PC, como uma das “organizações do espectro político”, era mais um compromisso político-financeiro do que uma filiação a um programa político. Valorizava também o PC por se apresentar como uma organização bastante disciplinada e que o ajudava, de um lado, a se localizar politicamente e, de outro, se posicionar contra o Partido Trabalhista (PT), pois o PC era tido como um partido revolucionário, enquanto o PT era reformista (Williams, 2013, p.26-27).

Mas as atividades políticas do jovem universitário socialista, motivado pelas leituras do *Capital* de Marx, do *Anti-Dühring* de Engels, da *História do Partido Comunista na União Soviética*, que é um “Breve Curso” idealizado por Stalin (Williams, 2013, p.25), foram abaladas quando precisou afastar-se de Cambridge em 1941 para lutar na Segunda Guerra Mundial, onde combateu como sargento da brigada de tanques de guerra.

Posicionando-se à esquerda do Partido Trabalhista,⁴ de feições reformistas, e como um dissidente do Partido Comunista, de quem se afastou durante a guerra, Williams mantinha suas convicções socialistas, embora em entrevista à *New Left Review*, no final da década de 1970, tenha revelado que em 1945, quando voltou

2 Faço um trocadilho com o título de sua obra *Resources of Hope* (1989), da forma como foi traduzido na edição brasileira (2015).

3 Em outubro de 1939, Williams filiou-se ao Clube Socialista e, em novembro do mesmo ano, ao Partido Comunista, permanecendo neste último por dezoito meses (Williams, 2013, p.26).

4 Apesar de o pai de Williams ter pedido para ele se afiliar ao Partido Trabalhista em 1936 por conta dos resultados das eleições de 1935, que elegeram Michael Foot como líder, a filiação ocorreu somente em 1961 e perdurou até 1966 (Williams, 2013, p.17).

da guerra para terminar sua graduação em Literatura Inglesa em Cambridge, não prosseguia mais com os argumentos marxistas e comunistas dos anos 1930. Estava convencido de que as respostas para a crise atual não eram mais a revolução: a nova forma de estado capitalista que estava se construindo centrava-se na “hegemonia” da cultura, o que significava que as respostas e reações teriam que se construir então dentro desse campo.

[...] ao entender a hegemonia cultural e ao vê-la como a dimensão crucial do tipo de sociedade que emergiu desde a guerra sob o capitalismo avançado, percebi a ruptura com o marxismo e ainda mais com as tradições da social-democracia, do liberalismo e do fabianismo, que haviam sido minha herança imediata. (Williams, 2015 [1975], p.112)

Williams apresenta esse raciocínio, no mínimo arrojado, num ensaio intitulado “Você é marxista, não é?”, no qual, entre outras coisas, esclarece sua posição mais de socialista revolucionário do que de marxista, reafirmando seu posicionamento socialista da juventude, mas sob uma nova tópica, a da cultura, ou melhor, de uma cultura comum, porque a “cultura é algo comum, em todas as sociedades e em todos os modos de pensar” (Williams, 2015 [1958], p.6).

Williams estava propondo tanto uma nova experiência, quanto tomando um novo rumo intelectual, relacionado à defesa de uma cultura comum ante a cultura artificial hegemônica da sociedade de massas do pós-guerra. O assunto é extenso e não pretendo desenvolvê-lo agora, porque a ênfase continua sendo outra: valorizar seu trabalho intelectual e educacional como formas de luta pela democracia. Tratava-se de um verdadeiro recurso de esperança que emergia num momento em que a revolução socialista era substituída por uma “longa revolução democrática” (Blackburn, 2013 [1988], p.XII).

Na “Introdução” da coletânea de ensaios de Williams intitulada *Recursos da Esperança*, Robin Blackburn, historiador e antigo editor da *New Left Review*, nos chamou a atenção para os “significados políticos” dos escritos do autor, que “não se ocupam diretamente da política como tal” (Blackburn, 2013, p.XII), mas que consistiam em um ato político – pois representavam suas concepções sobre democracia, sociedade, cultura e, também, educação de adultos. Era um ato político e também uma atitude pessoal de Williams: investir no campo da educação, inicialmente aprofundando seus estudos literários, consequência de sua graduação em Literatura Inglesa, e depois enfatizando o papel e a pertinência de Frank Leavis, referência dos estudos de literatura e educação daquele momento e que marcou a trajetória intelectual do autor.

O próprio Williams nos fornece uma síntese desses anos:

[...] havia a grande ênfase de Leavis na educação. Ele sempre enfatizava que havia um trabalho educacional imenso a ser feito. Claro que ele o definia em seus

próprios termos. Mas a ênfase me parecia plenamente correta. Quando soube da oferta de emprego em Oxford para ensinar literatura a adultos na Workers' Educational Association, foi Thomas Hodgkin, um comunista então secretário do comitê universitário, quem me entrevistou. A oportunidade de emprego me pareceu uma sorte incrível. Acabou não sendo assim, mas parecia de longe a melhor opção naquele momento. Muito de meu trabalho posterior veio dessa escolha profissional. (Williams, 2013 [1979], p.55)

Se o mundo político deixava Williams resignado e autoexilado, o mundo da educação de adultos brotava como uma alternativa e dava pistas de que a nova esquerda britânica teria que se apoiar na compreensão da cultura, da educação e das artes para estabelecer um novo programa de crítica social:

A interpretação marxista da cultura nunca poderá ser aceita enquanto mantiver, e não é necessário que se mantenha, esse elemento de diretriz, essas insistências de que se você honestamente quer o socialismo, você tem que escrever, pensar e aprender seguindo os modos prescritos. Uma cultura são significados comuns, o produto de todo um povo, e os significados individuais disponibilizados, o produto de uma experiência pessoal e social empenhada de um indivíduo. (Williams, 2015, p.12)

A concepção de uma cultura comum é tanto a nova chave explicativa do mundo do pós-guerra quanto parte da construção dessa própria cultura, que se dá por meio da comunicação, da educação e das artes como algo comum ou ordinário (Williams, 2015, p.21). É isso que emerge da condição de eremita após dez anos dedicados à educação de adultos e à produção de livros decisivos, como *Cultura e sociedade* (1958), entre outros trabalhos, como o ensaio que acabamos de comentar.

Williams participou ativamente da educação de adultos, o que nos induz a pensar nosso autor não somente como um autoexilado, mas como um ativista político na luta pela expansão democrática através da educação de trabalhadores, junto com muitos outros tutores de adultos, vários deles ligados à esquerda, caso de Thomas Hodgkin: “Quase todos os tutores da WEA eram socialistas, de uma cor ou de outra. E estávamos todos envolvidos na educação para adultos” (Williams, 2013, p.57 e p.69). Uma parte se autoexilava, outra comprometia-se, configurando o paradoxo do exilado. Com os acréscimos feitos, uma nova sentença assim se apresenta: parte se autoexilava, outra se comprometia para sobreviver, eis, portanto, o paradoxo do sobrevivente.

Paradoxo do sobrevivente

Se dissermos que há uma “afinidade eletiva” (Weber, 2004 [1905], p.83) entre o tipo social exilado, o caráter paradoxal de Orwell e a própria situação individual de Williams, também podemos incluir que há uma conexão de sentido entre o tipo autoexilado e o sobrevivente, na medida em que o desinvestimento na vida social

pelo autoexilado converte-se em investidas no campo educacional para sobreviver à desilusão política por intermédio de um novo vocabulário, que faz uso das palavras-chave e do comentário como um recurso para exposição de determinado fenômeno: as aulas tutoriais. No excerto, Williams dizia que o comentário devia ser indiscreto, porque colocava uma polêmica em cena: o caráter elitista das aulas tutoriais. Essa é sua fórmula da leitura crítica e da discussão que fora empregada em vários de seus escritos de educação.

Nesse ponto, já podemos dizer em que período da vida e obra de Williams estamos mergulhados: o local era Sussex, entre os anos de 1946 e 1949, e Williams estava começando a atuar na educação de adultos, confessando que a saída para esse trabalho se dava em meio a uma crise pessoal:

Por um tempo, eu estava em tal estado de fadiga e de recuo que parei de ler jornais ou ouvir notícias. Naquele momento, afora continuando com o ensino na educação para adultos, senti que eu só poderia sair desse nó de uma forma não colaborativa. Recuei para fazer meu próprio trabalho. Nos dez anos que se seguiram, escrevi num isolamento completo. (Williams, 2013, p.66)

Williams buscava encontrar um caminho dentro de si mesmo, uma espécie de trincheira para se refugiar não dos campos de batalha da guerra, mas do mundo político do pós-guerra, pois, como ele mesmo disse anos depois, em 1975, “não apenas nos encontramos em situações, mas também criamos situações” (Williams, 2015, p.109). Com o fim da guerra, a configuração da Guerra Fria, o Plano Marshall, a Revolução Chinesa, pensar numa revolução socialista parecia uma abstração ante as catástrofes dos anos 1940, cabendo criar uma situação autoexilada visando à sobrevivência pessoal e ao investimento em um novo paradigma, centrado numa “hegemonia cultural” no pós-guerra, que carecia de reflexões e novos rumos no “isolamento” da educação de adultos.

Esse papel da educação de adultos na vida e obra de Williams foi de fato decisivo, pois marca a escrita tanto de livros célebres, como *Drama from Ibsen and Brecht* (de 1947, mas publicado somente em 1952), *Reading and Criticism* (1950), *Drama in Performance* (1954) e *Culture and Society* (1958), quanto um conjunto de escritos de caráter político e pedagógico sobre a educação de trabalhadores, que vão resultar, anos depois, na elaboração da disciplina “Estudos Culturais”, embora isso seja outro assunto.⁵

Fato é que grande parte dos escritos de Williams no contexto da tutoria versavam sobre a diferença entre as aulas-palestras praticadas nas atividades de ensino na extensão universitária em contraste com as aulas tutoriais, que deveriam ter

5 Um primeiro volume dos escritos de educação foi organizado por Mcllroy e Westwood (1993). Para outros escritos de educação, conferir Williams (2019). Acerca dos Estudos Culturais, conferir Williams (2011b [1986], p.171-187).

um formato e um método próprio de ensino e aprendizagem, que Williams chama de “discussão”, conforme já destacado. Nesses escritos dispersos de educação, ele teria elaborado uma epistemologia voltada à educação de grupos-adultos e colocado a questão da educação das classes trabalhadoras no centro do debate visando à expansão da democracia (Williams, 2019).

Artigos como “Uma democracia educada”, datado de 1959, publicado no periódico londrino *Socialist Commentary*, e “Estritamente pessoal”, publicado em 4 de março de 1960, num periódico inglês chamado *Education* (Williams, 2019), são exemplos disso, quando discutiam criticamente o universo das tomadas de decisão que afetavam a educação inglesa, sobretudo, como estava organizado o sistema de ensino britânico. Era, inclusive, no artigo do *Education* que Williams nos oferecia uma síntese sociológica precisa, segundo a qual “discutir o sistema educacional era o mesmo que debater a organização da sociedade” (Williams, 2019 [1960], p.70). Em outras palavras, ele estava tentando colocar em cena não um drama, mas um projeto democrático que passava pela reconstrução social por meio da educação de trabalhadores. Não era a revolução socialista, era a luta pela expansão democrática da educação dos trabalhadores que ganhava voz através dessa produção individual, que somava força com outras vozes do período, como as de Clifford Collins, Richard Hoggart, entre outros educadores de adultos – como vimos, muitos deles socialistas e ligados ao PC inglês, realizadores do movimento de educação de adultos. Vale mencionar, mesmo rapidamente, que o ápice dessa luta e movimento foi descrito por Williams em seu livro *Communications*, de 1962, trabalho inspirado nas Conferências do Sindicato Nacional dos Professores (NUT) de 1960.

Mas depois de tudo o que discutimos, em que consistem os três anos difíceis das aulas tutoriais? Acerca das aulas, a resposta já foi dada pelo próprio excerto, quando apontava que os três anos difíceis representavam os desafios em manter os estudantes adultos no esquema de estudos trienais, todas as noites, em Sussex, no mesmo esquema de aprendizagem universitário. Mas não apenas isso, os três anos difíceis envolviam um período decisivo da vida e obra de Williams na educação de adultos como um ato político, ela mesma um recurso de esperança, já que a revolução socialista não estava mais no horizonte depois das atrocidades stalinistas, a ascensão do Plano Marshall e a eclosão da Guerra Fria.

Concluo este artigo afirmando que Raymond Williams, que teria completado cem anos em agosto de 2021, foi um sobrevivente da Segunda Guerra Mundial e que a educação de adultos foi tanto um recurso à sobrevivência quanto o início de um autoexílio que foi se depurando, passando de um projeto de “libertação individual” para um “projeto de libertação social” (Williams, 2013, p.49) relacionado à defesa de uma sociedade mais educada e participativa. Uma democracia educada era parte do que Williams desejava para si e para a sociedade inglesa da época. Uma cota disso estava vinculada à educação de adultos. Recordar todos esses eventos revela as contribuições de Williams para o século XXI, num momento em que existe um colapso da democracia em todo o mundo, e especialmente em nosso país, nesses últimos três anos tão difíceis.

Referências bibliográficas

- AUERBACH, Erich. Epílogo. In: *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001 [1946].
- CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Terceira Leitura – FFLCH-USP, 1993.
- MCLLROY, John; WESTWOOD, Salle. *Border Country: Raymond Williams in Adult Education*. Leicester, England: National Institute of Adult Continuing Education, 1993.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2020 [1949].
- PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams e a educação democrática. *Educação e Sociedade*, v.39, n.145, Campinas, out.-dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000401004&lng=en&nrm=iso&tlng=en>.
- PAIXÃO, Alexandro Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Raymond Williams, cultura e extensão universitária. *Revista Resgate*, v.28, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8657391/22735>>.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1905].
- WILLIAMS, Raymond. *Reading and Criticism*. London, England: Frederick Muller, 1950.
- _____. *Communications*. Harmondsworth: Penguin, 1962.
- _____. *Keywords: A Vocabulary of Culture and Society*. Glasgow: Fontana, 1976.
- _____. Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969 [1958].
- _____. *Marxism and Literature*. Great Britain: Oxford University Press, 1977.
- _____. *The Long Revolution*. Cardigan, Wales: Parthian, 2011a [1961].
- _____. O futuro dos estudos culturais. In: *Política do Modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011b [1986].
- _____. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011c [1980].
- _____. *A política e as letras: entrevistas da New Left Review*. São Paulo: Editora Unesp, 2013 [1979].
- _____. *Recursos da Esperança*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- _____. Três anos difíceis: comentário sobre as aulas tutoriais [s/d]. In: PAIXÃO, Alexandro Henrique (Org.). *Raymond Williams & educação: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino*. Campinas, SP: Editora da FE-Unicamp, 2019. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001091920&opt=4>>.
- _____. Estritamente Pessoal [1960]. In: PAIXÃO, Alexandro Henrique (Org.). *Raymond Williams & educação: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino*. Campinas, SP: Editora da FE-Unicamp, 2019. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001091920&opt=4>>.

Resumo

“Três anos difíceis” poderia ser uma chamada crítica sobre os três últimos anos no Brasil, mas é uma referência a um dos primeiros escritos de Raymond

Williams sobre educação democrática, intitulado “Três Anos Difíceis: um comentário sobre as aulas tutoriais”. Nesse sentido, minha proposta aqui é apresentar e debater esse e outros escritos de educação e sociedade produzidos por Williams nos primeiros anos após o final da Segunda Guerra Mundial, num momento em que socialismo, educação de adultos, exílio e sobrevivência são palavras-chave de sentidos semelhantes para o autor, mas não menos problemáticas e carentes de reflexão à luz de seus textos.

Palavras-chave: Raymond Williams; educação democrática de adultos; socialismo; exílio; sobrevivência.

Abstract

“Three Hard Years” could be a critical call about the last three years in Brazil, but it is a reference to one of Raymond Williams’ early writings on democratic education, entitled “Three Hard Years: a comment on tutorial classes”. In this sense, my proposal here is to present and discuss this and other writings on education and society produced by Williams in the first years after the end of the Second World War, at a time when socialism, adult education, exile and survival are keywords of similar meanings for the author, but no less problematic and in need of reflection in the light of his texts.

Keywords: Raymond Williams; democratic adult education; socialism; exile; survival.